

**AS CONTRIBUIÇÕES DA MUSICOTERAPIA NO TRATAMENTO DO  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO  
BIBLIOGRÁFICA**

**THE CONTRIBUTIONS OF MUSIC THERAPY IN THE TREATMENT OF AUTISTIC  
SPECTRUM DISORDER (ASD): A BIBLIOGRAPHIC REVIEW**

Letícia Cunha e Silva<sup>I</sup>

Andrea Volpato Wronski<sup>II</sup>

**Resumo:** O Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por estabelecer alterações no neurodesenvolvimento, com dificuldades na comunicação, socialização e de percepções sensoriais. Para amenizar os sintomas causados, tratamentos multidisciplinares vêm sendo desenvolvidos com base nas características de cada indivíduo. A partir de uma revisão de literatura dos artigos publicados entre 2005 e 2021 a respeito do tema, buscou-se identificar os benefícios que a Musicoterapia traz no tratamento do Transtorno do Espectro Autista e apontar as possibilidades de utilização da Musicoterapia na intervenção psicoterapêutica desses indivíduos. Desta forma, além das abordagens utilizadas no tratamento, considerando as especificidades e necessidades únicas de cada pessoa com o Transtorno do Espectro Autista, o profissional tem acesso a essa prática, que em decorrência do seu caráter lúdico, se mostra fundamental no desenvolvimento do comportamento, comunicação e conseqüentemente das habilidades sociais.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Musicoterapia. Benefícios.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder. Music Therapy. Benefits.

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente estudo apresenta como tema a utilização da Musicoterapia, como recurso na Psicoterapia, para o tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA). A música para além de ser uma manifestação artística, uma forma de comunicação, interação e expressão, é também um recurso valioso no processo psicoterapêutico, sendo uma ferramenta que abre várias possibilidades de intervenção para inclusão das crianças no meio social, mesmo que estas tenham dificuldades relacionais graves e permanentes.

---

<sup>I</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: leticiac.18@hotmail.com. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Unisul. 2021.

<sup>II</sup> Mestre. Orientadora. Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul.

Conforme o pesquisador Florentino (2020, p. 3), em 1943 surgiu a primeira descoberta a respeito do diagnóstico do Autismo, conhecido atualmente como Transtorno do Espectro Autista (TEA). Em sua pesquisa sobre o papel dos pais no desenvolvimento de criança no TEA, Florentino (2020) explica que o psiquiatra Leo Kanner, médico da Universidade Johns Hopkins, publicou um artigo chamado Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo, na revista *The Nervous Child*. Na obra, o autor descreveu 11 casos de crianças que, “apresentavam um isolamento extremo desde o início da vida e um desejo obsessivo pela preservação das mesmices” (KANNER, 1943 apud FLORENTINO, 2020, p. 2).

Atualmente, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5, o Transtorno do Espectro Autista é conceituado como:

Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 31).

Diferentes abordagens terapêuticas vêm sendo estudadas com a finalidade de desenvolver habilidades cognitivas, sociais, comportamentais e de comunicação do indivíduo com TEA, destacam-se atualmente, a Terapia Cognitiva Comportamental, a Psicoterapia de origem Psicanalítica e as perspectivas da Psicologia Educacional fundamentadas na Teoria Histórico-Cultural. Dentre estas abordagens, sobretudo ligadas aos processos criativos, encontramos possibilidades de intervenção a partir da Musicoterapia, utilizada como uma terapia alternativa, que segundo pesquisa realizada por Anjos *et al.* (2017) é definida como uma metodologia que utiliza a música e seus elementos, para promoção de aprendizagem, aquisição de novas habilidades, a fim de proporcionar melhor qualidade de vida. Ainda deve ser conduzida por uma pessoa qualificada e pode ser aplicada como prevenção, reabilitação ou tratamento.

O TEA se manifesta e se desenvolve de diferentes formas, demandando uma diversidade de intervenções no seu tratamento. Visto isso, Teixeira (2019) defende que “devido à complexidade e de todo o universo de problemas comportamentais que podem estar presentes, múltiplas possibilidades de intervenção são possíveis e necessárias para ajudar na melhoria e dos sintomas” (TEIXEIRA; PASCOLLI, 2019, p. 19). Para o tratamento do TEA, é recomendado que uma equipe multidisciplinar avalie e desenvolva um programa de intervenção orientado a satisfazer as necessidades particulares a cada indivíduo, utilizando conhecimentos de médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos, fisioterapeutas, musicoterapeutas,

terapeutas ocupacionais e educadores físicos além da imprescindível orientação aos pais ou cuidadores (GOMES, 2011).

A música, em especial, sempre desempenhou um papel importante na sociedade, estando constantemente presente na vida do ser humano em diversos contextos e situações, e pode ser considerada desde a Antiguidade até os dias atuais um eficiente meio terapêutico. Segundo Bruscia (2000), a música vem sendo considerada como um recurso terapêutico complementar que abrange dimensões físicas, psicológica, sociais e espirituais. Entende-se que a música possui um importante papel na Educação Especial, pois “ajuda a estabelecer a comunicação e interação com pessoas que possuem um déficit na comunicação por vias tradicionais” (FERNANDES, 2016, p.727).

O Transtorno do Espectro Autista é um tema de grande relevância no meio psicoterapêutico, seja pela própria necessidade de compreensão do transtorno que apresenta grande complexidade, seja pelo desenvolvimento de estratégias terapêuticas que podem promover uma evolução no quadro clínico. Conforme explicam Simpson e Keen (2011) a música para os indivíduos com TEA, é uma dessas estratégias que possibilita a expressão da comunicação não-verbal e tem a capacidade de facilitar o processo de interação com o outro. Neste sentido, observa-se atualmente, um reconhecimento da utilização de técnicas musicoterapêuticas para restauração ou desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais, cognitivas, motoras e de comunicação para esses indivíduos com TEA.

Os resultados obtidos através deste estudo têm o intuito de propor maior visibilidade sobre o assunto, induzindo novas discussões significativas a respeito da temática da Musicoterapia aliada à Psicoterapia para o tratamento do Transtorno do Espectro Autista. Assim como, pretende contribuir para o desenvolvimento de pesquisas científicas que possam aperfeiçoar métodos e técnicas mais eficientes no tratamento, com a descoberta de novas formas de intervenção que promovam uma melhor qualidade de vida e inclusão dos indivíduos com TEA na sociedade.

Diante da hipótese apresentada pela metodologia de Musicoterapia e outras pesquisas sobre o TEA, apresenta-se como questão norteadora: quais os benefícios da Musicoterapia para tratamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo os artigos científicos publicados nos anos entre o ano 2005 e o mês de setembro de 2021. Sendo assim, definiu-se como objetivos secundários destacar estudos que apontem resultados na Tríade *Wing* (Comunicação, Comportamento e Habilidades Sociais) pelo uso de Musicoterapia em pessoas com TEA e; discutir as possibilidades de uso da Musicoterapia como recurso em intervenções da Psicoterapia para pessoas com TEA.

## 2 MARCO TÓRICO

### 2.1 COMPREENDENDO A MUSICOTERAPIA

A música é um fenômeno que está presente na vida humana e em todas as culturas conhecidas desde a antiguidade até os dias atuais, e há muito tempo é reconhecida como uma forma de expressão universal. Segundo Koelsch (2009) ela tem sido utilizada desde entretenimento e experiências estéticas, à finalidade de eliciar emoções, expressar consciência social e crenças religiosas, dentre várias outras funções, acalmar e estimular a concentração de pessoas agitadas.

A pesquisa realizada por Silva Júnior (2008) sobre a utilização da música como objetos terapêuticos esclarece que o início da utilização da música como tratamento, ou Musicoterapia, se deu na segunda metade do século XX, quando as graves consequências físicas, emocionais e psíquicas causadas pela Primeira Guerra Mundial impulsionaram as pesquisas sobre os efeitos da música no processo de cura, após ser comprovado o efeito relaxante e sedativo que a música trazia para os soldados feridos. Este fato mostra-se marcante para o desenvolvimento de uma ferramenta que, de acordo com os referidos autores, era utilizada apenas como entretenimento, transpondo seu aspecto superficial, transferindo para a música mais credibilidade quando aplicada em contextos terapêuticos (SILVA JÚNIOR, 2008).

Já no século 40, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os efeitos catastróficos e traumáticos causados em soldados impulsionou de vez a utilização científica da música, dando início à musicoterapia. Este marco comprovou a eficácia da música no auxílio de tratamentos terapêuticos e tornou visível a necessidade do desenvolvimento científico com o propósito de regular e padronizar a prática, a fim de capacitar profissionais para compreensão e metodologia da sua utilização, e seus respectivos resultados (SILVA JÚNIOR, 2008).

Em decorrência do desenvolvimento de estudos, pesquisas e da formação de novos profissionais, ao longo da história diversas definições a respeito da musicoterapia foram elaboradas por diversos profissionais. Contudo, a definição padronizada que funciona como suporte nas práticas musicoterapêuticas, é proposta pela Federação Mundial de Musicoterapia, que classifica:

A Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia, e harmonia) por um Musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos relevantes no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma

melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento (ASSOCIAÇÃO DE MUSICOTERAPIA DO PARANÁ, 2021).

A musicoterapia utiliza das experiências musicais para desenvolver relações com os outros e o mundo (BRUSCIA, 2000). Para que o processo terapêutico se desenvolva de forma espontânea e eficiente, é necessário que estejam envolvidos neste processo a música, o paciente e o terapeuta, em um planejamento terapêutico sistematizado com objetivos definidos pelo profissional, no intuito de promover os resultados previstos, ou seja, dentro de uma metodologia específica. Desta forma, a prática pode apresentar muitos benefícios ao desenvolvimento humano quando em contato com os estímulos musicais (BRUSCIA, 2000).

De acordo com Tomaino (2014) pesquisas clínicas evidenciam que os componentes da música (melodia, ritmo, harmonia, timbre, dinâmica e forma) podem estimular processos cognitivos, afetivos e sensorio-motores no cérebro, podendo transferir essas funções para fins terapêuticos não musicais. Neste contexto, ao compreender a musicoterapia como uma ferramenta auxiliar é necessário reforçar a importância de uma equipe multidisciplinar que permita a estimulação e o desenvolvimento do paciente nos diversos aspectos da sua vida.

Segundo Barreto e Chiarelli (2005), as atividades propostas na Musicoterapia podem auxiliar também no processo de inclusão de crianças com necessidades especiais, pois afeta o estado emocional do indivíduo, auxilia os processos cognitivos, abrindo espaços para outras aprendizagens, contribuindo para o desenvolvimento social. Desta forma, seu caráter lúdico, sem cobranças e exigência de resultados, tornam o ambiente agradável e estimulador para a criança que está inserida.

O aparente sucesso das técnicas musicoterapêuticas no tratamento do TEA se dá no interesse especial que a música desperta nessa população (BERGER, 2003). Segundo Molnar-Szakacs e Heaton (2012), pessoas com TEA, de um modo geral, demonstram notável interesse por música e podem até mesmo ter uma habilidade excepcional na área musical. Pois as atividades musicais proporcionariam convívio e interação, possibilitando, conseqüentemente, a aquisição de linguagem e de habilidades motoras (MOLNAR-SZAKCS; HEATON, 2012).

## 2.2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista pode ser definido como “um conjunto de condições comportamentais caracterizadas por prejuízos no desenvolvimento de habilidades sociais, da comunicação e da cognição da criança” (TEIXEIRA, 2016, p. 24). Essas características causam grande impacto na funcionalidade do indivíduo, seja na vida pessoal, profissional e social.

Teixeira (2016) afirma que a sua nomenclatura e classificação passaram por diversas mudanças e reformulações, desde 1980. Foi então reconhecido e definido oficialmente como um diagnóstico médico na terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais – DSM III, no qual é utilizado o termo Transtorno do Espectro Autista. Ainda assim, segundo o autor, cada caso é composto com um conjunto de sintomas e manifestações muito diferentes e distintas uns dos outros, mesmo que apresentem características básicas em comum que representam a mesma patologia dentro de um espectro composto por quadros mais leves a mais graves. Ainda que atualmente seja utilizado o DSM 5 como base de produção de diagnóstico, os domínios de interação social e comunicação permanecem como unidades de análise importantes no transtorno (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

No que diz respeito a importância da análise do transtorno sob a ótica da Tríade de *Wing*, Teixeira (2016) define comunicação, comportamento e habilidades sociais como os três pilares de prejuízos principais no TEA, relacionados à socialização, compreendendo a linguagem verbal e não verbal e comportamento.

Com relação a comunicação Teixeira (2016) explica que os padrões habituais de desenvolvimento da linguagem (verbal e não verbal) mostram-se diferentes de pessoas que não possuem o transtorno. Algumas das características marcantes, seriam a linguagem repetitiva e estereotipada, não conseguindo iniciar e manter uma conversa, que é caracterizado como ecolalia. Evidencia-se em Costa e Antunes (2017) que cerca de 75% das crianças autistas que possuem a habilidade da fala, apresentam ecolalia. E que também há uma fala pedante, comunicação pobre em expressividade e gestos e desinteresse por demais assuntos.

No que se refere ao comportamento os déficits comportamentais relacionados à interação social são apontados por Costa e Antunes (2017) como indiferença em relação à interação com o outro, inadequação social, pouca compreensão a respeito do espaço pessoal, compreensão limitada da intenção de terceiros e até comportamentos agressivos. Esses comportamentos apresentam-se como resultantes dessa dificuldade de comunicação e compreensão, o que acaba afastando esses indivíduos do convívio social e estimulante para o desenvolvimento e aprimoramento das atividades físicas e cognitivas.

Nas habilidades sociais Carvalho (2012) argumenta que existe uma grande variação de dificuldades em habilidades sociais nos casos de TEA. São elas: dificuldade em interpretação do comportamento verbal, falta de empatia, dificuldade de interagir socialmente, dificuldade na compreensão de comportamentos não-verbais, indiferença afetiva, falha em reconhecer o espaço pessoal, comportamento simbólico e imitação, entre outros. Esse comportamento é compreendido como uma dificuldade do autista de entender os pensamentos alheios, como as

peessoas se sentem, com uma enorme dificuldade em entender o ponto de vista alheio, uma vez que possuem a capacidade de compreender sentimentos comprometida.

Segundo Wing e Gould (1979 apud MARTINS, 2012, p. 22) essa Tríade é que define o que há em comum nos casos de Transtorno do Espectro Autista, “prejudicando não somente essas três áreas do desenvolvimento isoladas, mas sim, simultaneamente, dessa forma podendo assumir como reveladora deste transtorno. O comprometimento dessa Tríade indica se o indivíduo está seguindo um padrão de desenvolvimento anômalo ou não, e caso seja identificado a deficiência em apenas uma dessas áreas isoladas, deve ser considerada uma causa diferente (MARTINS, 2012).

Desta forma, julga-se ser um desafio compreender o que se deve ensinar a uma pessoa com TEA e como desenvolvê-lo, pois eles não se ajustam às formas habituais de ensinamento. Em consequência disso, um plano de tratamento especializado com múltiplos profissionais da área da saúde deve ser desenvolvido a fim de verificar e atender as necessidades individuais de cada indivíduo. Existem vários métodos de tratamentos oferecidos às pessoas com este transtorno, e conforme apontam Molnar-Szakcs e Heaton (2012) esses métodos, e dentre estes, a música, quando utilizados em conjunto em um planejamento adequado mostra-se eficiente no desenvolvimento do indivíduo, pois as atividades musicais proporcionam interação e desenvolvimento social, possibilitando, conseqüentemente, a aquisição de linguagem e de habilidades motoras. Nesse sentido, a Musicoterapia tem surgido como uma das possibilidades de auxílio no tratamento, juntamente com o tratamento multidisciplinar.

### 2.3 A MÚSICA E A MUSICOTERAPIA NO TRATAMENTO DO TEA

A música além de eliciar emoções, tem a capacidade de estimular processos cognitivos complexos como a memória, a comunicação, atenção dividida e sustentada, controle de impulsos, planejamento, execução e controle de atividades motoras. Bruscia (2000, p. 161) afirma que “pelo fato de a música envolver e afetar muitas facetas do ser humano, e em função da grande diversidade de suas aplicações clínicas, a musicoterapia pode ser utilizada para se obter um grande espectro de mudanças terapêuticas.”

Segundo Marfinati e Abrão (2014) no TEA, a inexistência de relação ou falta de contato com o mundo externo, o repertório de interesses limitados e os comportamentos estereotipados, são os principais comprometimentos encontrados. Com isso, no *setting* musicoterapêutico, o profissional precisa buscar formas de estabelecer uma relação espontânea com o paciente, criando desta forma canais de comunicação e interação com o indivíduo com Transtorno do

Espectro Autista através da música, instrumentos musicais e elementos da música (MARFINATI; ABRÃO, 2014). Martins (2009, p. 20) afirma que “o uso de instrumentos musicais favorece a aprendizagem não só de habilidades musicais, mas de novas descobertas e experiências que possibilitam o desenvolvimento da linguagem de todas as crianças, inclusive das autistas”. Dessa forma, ao atingir essa abertura, existe a possibilidade de se abrir um novo caminho para o indivíduo com TEA, desenvolvendo suas habilidades de forma mais espontânea, integrada e envolvente (MARFINATI; ABRÃO, 2014).

Gattino *et al.* (2011 apud SAMPAIO; LOUREIRO; GOMES, 2015) indicam que estudos comprovaram a eficácia do processo musicoterapêutico e do uso da música com pessoas com Transtorno do Espectro Autista, no que se refere aos aspectos de comunicação e interação social. A literatura sobre este tema relata uma intensa relação e interesse destes indivíduos com a música, podendo até mesmo desenvolver habilidades na área musical, pois a sensibilidade em relação à músicas e sons presentes neste transtorno acaba por se tornar um aspecto positivo e incentivador à essas pessoas, que por sua vez, em grande maioria, reagem muito bem ao tratamento (GATTINO *et al.*, 2011 apud SAMPAIO; LOUREIRO; GOMES, 2015).

A música tem a capacidade de agir na vida das pessoas com deficiência (PCD), em especial o TEA, para auxiliá-las na construção de um diálogo com a realidade, quando instruídas e reintegradas, auxiliando a colocar em ordem não só o seu pensamento como todo o funcionamento do corpo, quando exposta ao estímulo musical. O acesso à música se mostra capaz de propiciar o desenvolvimento do indivíduo como um ser social que pode descobrir com isso algo que o faça sentir parte de um grupo, em uma relação em que ele possa expressar seus sentimentos e emoções, capacitando sua criatividade.

### **3 MÉTODO**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, de caráter exploratório descritivo. Conforme Boccato (2006, p. 266) a pesquisa bibliográfica “[...] trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica”. A abordagem qualitativa baseia-se em descrever um tema utilizando-se de impressões, opiniões e pontos de vista, tem como finalidade compreender a partir de dados qualificáveis, a realidade de determinados fenômenos, a partir da percepção dos diversos atores sociais (MINAYO, 2007). O caráter exploratório trata de familiarizar o pesquisador com problema objeto da pesquisa, para que possa construir hipóteses ao tomar a questão mais clara (GIL, 2008). Enquanto pesquisa

descritiva busca-se a descrição de um fenômeno ou o que está ocorrendo, e permite a análise das características do indivíduo, abrangendo uma situação e relacionando eventos (GIL, 2008).

Foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados SciELO e BVS, no período entre 2005 e setembro de 2021. Para tanto, foram utilizados os seguintes descritores e termos de busca: musicoterapia AND autismo, música AND autismo, musicoterapia AND transtorno do espectro autista.

Foram incluídos neste estudo artigos científicos publicados entre 2005 e 2021 no idioma português, com texto completo disponível. Foram excluídos artigos publicados antes e depois do período selecionado, artigos em inglês ou outras línguas, artigos não associados aos benefícios da música e da musicoterapia no contexto informado e pesquisas com acesso restrito. A análise de dados seguiu uma metodologia de sistematização categorial própria das revisões bibliográficas, a serem apresentadas no quadro 1.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na busca realizada nas bases de dados SCIELO e BVS com os descritores: musicoterapia AND autismo, música AND autismo, musicoterapia AND transtorno do espectro autista foram contabilizados 345 artigos. Após análise do resumo, resultados e discussão e a partir dos objetivos do presente estudo, foram utilizados um total de 11 publicações. Ao finalizar a seleção de artigos, observou-se a importância de selecionar entre eles artigos relacionando os benefícios da utilização da musicoterapia com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, no que diz respeito à Tríade de *Wing*, ou como recurso para a psicoterapia no tratamento do TEA, o que resultou um total de 06 publicações.

Primeiramente foram organizados os dados quanto aos benefícios da Musicoterapia para pessoas com TEA, em forma de sínteses extraídas dos artigos analisados, que serão apresentados no Quadro 1, para expor os benefícios da musicoterapia destacados na bibliografia pesquisada. A seguir foram apontados as possibilidades e resultados da Musicoterapia como tratamento, a partir da Tríade de *Wing*, e por fim, foi discutido as possibilidades de uso da Musicoterapia como recurso de Psicoterapia para pessoas com TEA.

Quadro 1 – Benefícios da utilização da musicoterapia com pessoas que tem o Transtorno do Espectro Autista

Artigos/Base de dados	Autores/Ano	Objetivos	Benefícios da utilização da musicoterapia com pessoas que tem o Transtorno do Espectro Autista
01 - A função constitutiva da voz e o poder da música no tratamento do autismo. (SciELO).	Lucero, Vivés e Rosi (2021).	Refletir sobre a necessidade de mais um analista no setting terapêutico de um grupo com crianças autistas em um atendimento psicanalítico.	Os resultados deste estudo mostram o progresso das crianças observadas no grupo terapêutico, e consideram os efeitos da voz e da música indispensáveis para expressar a subjetividade fora da fala, partilhando seu movimento com o Outro em uma relação transferencial e permitindo à criança com autismo construir uma dimensão sonora para esta voz, abrindo a possibilidade de um saber fazer com esse objeto. Dessa forma, o canto mostrou-se uma forma específica de tratar a dimensão real da voz que invade o sujeito autista.
02- Da vibração ao encontro com o outro; psicanálise, música e autismo / (BVS).	Souza <i>et al.</i> (2017).	Investigar os efeitos de um ateliê musical como formador de laços entre crianças autistas e seus semelhantes.	Neste estudo, no contexto de um ateliê musical, o contato das crianças com a música, os instrumentos e o elemento surpresa possibilitam ao sujeito entrar em contato com seu ritmo e com o ritmo do seu semelhante, desenvolvendo uma ‘sintonia’ afetiva. Nas intervenções percebeu-se a convocação pela via da musicalidade, atribuindo diversos sentidos e significados aos comportamentos das crianças, mostrando o quanto o ritmo musical se articula ao corpo, incitando-o a movimentar-se, dando sincronia aos fenômenos vivenciados. E mesmo crianças identificadas com patologias na infância, como o autismo, expressam interesse por uma comunicação musicalizada. Os achados concluem que a linguagem musical pode auxiliar no estabelecimento de vínculos, sendo esta linguagem não ameaçadora e intrusiva.
03- A musicoterapia e o transtorno do espectro do autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. (SciELO).	Sampaio, Loureiro e Gomes (2015).	Apresentar uma fundamentação teórica baseada nas neurociências para propor uma prática clínica musicoterapêutica com foco na melhoria da comunicação não-verbal e da interação social de crianças e adolescentes com	Os resultados do presente estudo apontam que nas literaturas específicas de musicoterapia e neurociência, as pesquisas clínicas têm demonstrado a eficácia do tratamento musicoterapêutico, apresentando estudos sobre os efeitos que a atividade musical causa na estrutura e funcionamento do sistema nervoso de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo, favorecendo, deste modo, um desenvolvimento mais efetivo de processos de comunicação e de interação social. Entretanto modos sistematizados de observação e análise do comportamento

		Transtorno do Espectro do Autismo.	musical devem ser desenvolvidos para sustentar essa análise.
04- Acordar para o simbólico: uma investigação psicanalítica sobre os efeitos de um ateliê musical para crianças com transtornos globais do desenvolvimento. <b>(BVS)</b> .	Sousa <i>et al.</i> (2019).	Acompanhar os efeitos de um ateliê musical sobre um grupo de crianças com Transtorno do Desenvolvimento a fim de verificar se as propriedades musicais podem favorecer o desenvolvimento da linguagem e o enlaçamento social nesses casos.	Os resultados apontam que a musicoterapia tem o potencial de ser uma intervenção auxiliar efetiva no que diz respeito a aceitação dos limites, atividades em grupo, resistência à frustração e desenvolvimento da linguagem. O estudo demonstra existir uma sensibilidade musical preservada em crianças com autismo, favorável ao desenvolvimento de um enlace com o outro e que foi possível perceber uma maior facilidade em estabelecer conexões através da música e do ritmo.
05- Música e invocação: uma oficina terapêutica com crianças com transtornos de desenvolvimento. <b>(BVS)</b> .	Lima (2012).	Estabelecer algumas hipóteses sobre a compreensão que a atenção à dimensão da musicalidade pode fornecer sobre casos de autismo, bem como que tipo de contribuição é capaz de proporcionar em termos de tratamento.	Os resultados obtidos na pesquisa mostram a evolução de algumas crianças do grupo terapêutico com as quais se era muito difícil estabelecer uma conexão, mas que respondiam à convocação pela voz cantada ou pelo instrumento musical, concluindo que a atenção à dimensão musical, seja presente na fala ou nos movimentos, é rica para o trabalho com crianças com distúrbios de desenvolvimento como o autismo, pois pode fornecer uma indicação relevante a respeito da posição daquele sujeito na linguagem. O estudo traz ainda que a pulsão invocante, pela via da música, convida o um sujeito a estar em continuidade com o Outro, com seu ritmo e melodia
06- Contribuição da musicoterapia no transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura. <b>(BVS)</b> .	Oliveira <i>et al.</i> (2021).	Verificar as evidências científicas sobre a contribuição da musicoterapia como intervenção no tratamento da criança com Transtorno Espectro Autista.	Diante dos resultados de 12 estudos que enfatizam uso da musicoterapia como ferramenta de tratamento no TEA, onze estudos ressaltam que esse tratamento tem o potencial de ser uma intervenção efetiva, agindo positivamente principalmente nas áreas da socialização-interação, comunicação, psicomotricidade e linguagem. Conclui-se também que desenvolver as habilidades de comunicabilidade musical, provoca efeitos positivos sobre a socialização das crianças, principalmente no que diz respeito a área da comunicação.

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

#### 4.1 BENEFÍCIOS DA MUSICOTERAPIA NA TRÍADE DE WING (COMUNICAÇÃO, COMPORTAMENTO E HABILIDADES SOCIAIS)

A interação social é uma das áreas de desenvolvimento comprometidas no desenvolvimento de indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo, como descreve a Tríade de *Wing*, de dificuldades de Comunicação, Comportamento e Habilidades Sociais. Segundo Ministério da Saúde, pessoas com TEA são caracterizadas por apresentarem uma dificuldade em simbolizar estímulos essenciais no processo de interação com o outro. (BRASIL, 2021). Contudo, resultados da pesquisa intitulada “Música e invocação: uma oficina terapêutica com crianças com transtornos de desenvolvimento” indicam que a intervenção musical contribui para romper padrões de isolamento, e que além disso, nos estudos de caso referente ao ateliê musical (LIMA, 2012), assim, com as crianças que possuíam uma maior fragilidade no laço com o outro, a resposta à dimensão sonora da música foi preponderante a outras tentativas de conexão dentro das oficinas (LIMA, 2012). Da mesma forma evidencia-se na pesquisa intitulada “A função constitutiva da voz e o poder da música no tratamento do autismo” que a utilização da música articulada à ação motora de modelar com massinha os elementos contidos na música, foram o que tiraram a menina de um isolamento que a impedia de sentir até mesmo o contato físico de outra pessoa, fazendo-a endereçar-se ao outro, em uma tentativa de compartilhar seu resultado (LUCERO; VIVÉS; ROSI, 2021). Dessa forma, como evidenciado por Gattino (2011 (apud SAMPAIO; LOUREIRO; GOMES, 2015), a música mostra-se capaz de repercutir em diferentes níveis de ação do indivíduo, permitindo um contexto musical que proporcione expressão, interação e comportamento socialmente aceitáveis.

Os resultados da pesquisa de Sousa *et al.* (2019) que tem como título “Acordar para o simbólico: uma investigação psicanalítica sobre os efeitos de um ateliê musical para crianças com transtornos globais do desenvolvimento”, apontam que o endereçamento ao outro também se mostrou efetivo ao permitir que durante a roda musical, uma das crianças alternasse entre líder e acompanhante da música. Durante o papel de líder ela escolhia os instrumentos que cada um tocava, e entregava em mãos para os participantes, mostrando como deveria ser tocado o instrumento, permitindo que dessa forma, o seu brincar se direcionasse ao outro. Os estudos relacionados ao ateliê consideram a brincadeira de roda musical fundamental para desenvolver a interação e a conexão com os colegas, como descrito nos achados de Lucero, Vivés e Rosi (2021, p. 10) “ao cantarmos instaura-se com o outro instantaneamente evocado, uma relação transferencial, onde o outro é situado como um bom ouvinte”.

É relevante destacar as correlações positivas entre o processo musicoterapêutico e o desenvolvimento da linguagem com este público. Para Benenzon (1976, p. 179) “a musicoterapia é uma técnica de aproximação à criança autista, que permite a abertura de canais de comunicação”, para além da linguagem oral e escrita. Conforme Lima (2012), em observação do ateliê musical, aponta que algumas crianças do grupo observado com as quais se era muito difícil estabelecer uma conexão, respondiam à convocação pela voz cantada e pela música instrumental. Ainda nesse sentido, Lima (2012) relata que durante o ateliê desenvolvido, mesmo em crianças com ausência de fala, foi comum que elas vocalizassem a partir de sua compreensão, partes das músicas cantadas. Com os estudos de caso dos ateliês musicais, compreende-se que a música pode facilitar o desenvolvimento da fala e da linguagem, uma vez que por meio das atividades musicais, principalmente em grupo, a criança tem a possibilidade de utilizar o canto e os instrumentos musicais como forma de interação com o outro, legitimando a afirmação de Fernandes (2016), ao concluir que a música ultrapassa obstáculos que dificultam a comunicação e expressão de sentimentos do indivíduo com TEA, promovendo a inclusão e proporcionando a reintegração dessas pessoas na sociedade.

No artigo “Contribuição da musicoterapia no transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura”, Oliveira *et al.* (2021) experienciam a utilização da música em tratamento com crianças do CAPSI, avaliando a intervenção como positiva, no sentido de melhorar a comunicação verbal e não verbal, rompendo com os padrões de isolamento e diminuindo comportamentos estereotipados, estimulando a autoexpressão. A partir das pesquisas analisadas em seu estudo, Oliveira *et al.* (2021) afirmam que as crianças que recebem as sessões de musicoterapia em grupo costumam reagir positivamente, pois isso contribui no processo de comunicação e, conseqüentemente de integração. Os achados reforçam que as atividades musicais proporcionam convívio e interação, possibilitando, conseqüentemente, a aquisição de linguagem e de habilidades motoras (MOLNAR-SZAKCS, HEATON, 2012).

No artigo “A musicoterapia e o transtorno do espectro do autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica” de Sampaio, Loureiro e Gomes (2015), ao analisar um estudo com crianças com TEA com foco na utilização da música em conjunto com a Análise Aplicada de Comportamento – Comportamento Verbal para o treinamento de fala, os autores consideram que em relação aos comportamentos de eco (repetição da fala pela criança após a produção verbal do adulto), a música se mostrou um efetivo meio de treinamento, auxiliando na conclusão do objetivo final. Por ser processada principalmente no córtex auditivo primário, a música se torna mais interessante como meio de comunicação do que a linguagem verbal para esses indivíduos, salientando a afirmativa de Tomaino (2014), que considera os

componentes da música (melodia, ritmo, harmonia, timbre, dinâmica e forma) capazes de estimular processos cognitivos, afetivos e sensorio-motores no cérebro, podendo transferir essas funções para fins terapêuticos não musicais, como por exemplo, o desenvolvimento da fala estereotipada.

Procurando compreender qual relação a utilização da música como recurso terapêutico tem na execução do comportamento de indivíduos com autismo, ao analisar os resultados de Oliveira *et al.* (2021) conclui-se que “as atividades musicais oferecem inúmeras oportunidades para as crianças melhorarem suas habilidades motoras, além de aprender a controlar os músculos e se mover com agilidade, desempenhando um papel importante na formação e equilíbrio do sistema nervoso.” Para Sampaio, Loureiro e Gomes (2015), o fazer musical potencializa os processos cognitivos e as funções executivas, uma vez que “pessoas com TEA apresentam o nível mais básico e direto de processamento emocional musical preservado”.

Souza *et al.* (2017) evidenciam a convocação pela via da musicalidade, atribuindo diversos sentidos e significados aos comportamentos das crianças. Eles referem-se à mudança no comportamento de um dos alunos envolvidos no ateliê que apresentava comportamentos repetitivos e estereotipados com todos os objetos pelos quais se interessava, e conclui que neste caso, a atividade lúdica de utilização de instrumentos e da vocalização permitiu que a criança encontrasse uma função para aquele objeto, em função de músicas específicas nas quais havia o comando para utilizá-lo e de que forma o fazer. Sendo assim, a brincadeira mostra-se ser uma forma particular de comunicação, de prazer, de recreação, de espaço para agir por conta própria, tomar decisões, transgredir e dar novo sentido às coisas (CORSINO, 2006).

Nos estudos realizados no presente artigo, Lucero, Vivés e Rosi (2021), Sousa *et al.* (2019) e Lima (2012), trazem resultados no que diz respeito à compreensão e execução de comandos presente nos estudos referentes aos ateliês, assim como nas atividades de imitação. Sousa *et al.* (2019) traz o caso dentro do ateliê de uma das participantes que tinha grande dificuldade em submeter-se às regras do jogo, e que a música, nestas circunstâncias, funcionava com uma instância terceira, capaz de decidir a hora do ateliê terminar. Com isso, ao ser exposta a um comando musical, durante a brincadeira, a criança é induzida a executar o comando presente na música. Nessa perspectiva, é importante considerar a ideia de Vygotsky (1991) de que “enquanto há brincadeira, há regra”, entendendo que durante o brincar musical a criança necessariamente está em contato com alguma regra (regras do jogo ou regras de relações com os participantes) que necessita ser cumprida para o funcionamento da atividade, estimulando dessa forma a aceitação dos limites.

Indivíduos com TEA possuem grande dificuldade na imitação, que é essencial para o aprendizado e ganho de habilidades. Os achados de Sampaio, Loureiro e Gomes (2015) assumem que a disfunção para a imitação, está associada a um grupo de neurônios chamado Neurônios-Espelho, nos quais sujeitos com TEA possuem grande prejuízo no que diz respeito à atenção compartilhada. Entretanto, os mesmos neurônios preservam o processamento musical, desenvolvendo as áreas afetadas através do estímulo musical. Nesse sentido Oliveira *et al.* (2021) afirmam que as atividades como cantar com acompanhamento de gestos, dançar, bater palmas e pés são experiências valorizadas para essas crianças, pois possibilitam o desenvolvimento rítmico e que as atividades musicais que envolvem imitação e sincronização, propõe a ativação da área cerebral que possui os neurônios-espelho, possibilitando o desenvolvimento da cognição social.

Sousa *et al.* (2019), concluem que durante o ateliê realizado em sua pesquisa, na música “sapinho”, que continha diversos comandos e alternâncias rítmicas e melódicas, a criança observada não demonstrava interesse no grupo, entretanto nas atividades musicais parece ser capturada pelo desenvolvimento rítmico, melódico e gestual da canção. Oliveira (2013) ressalta o poder do ritmo em integrar vivências precoces no psiquismo da criança e desenvolver as primeiras formas de comunicação com o outro. A partir desse resultado, pode-se identificar a relevância de desenvolver nos indivíduos autistas à imitação, mesmo que na aprendizagem de conteúdos musicais, pois conclui-se que a imitação atuou como um fator impulsionador da aprendizagem, facilitando a assimilação de comandos verbais e musicais em crianças autistas.

O ritmo assume um papel importante na formação e equilíbrio do sistema nervoso. A desorganização corporal presente em um dos participantes no início do grupo terapêutico realizado por Lucero, Vivés e Rosi (2021) aponta a dificuldade de direcionar a sua ação motora a uma atividade específica sem esbarrar em outros lugares, ou até mesmo tropeçar. Souza *et al.* (2017) concluem que o ritmo musical tem a capacidade de se articular ao corpo, induzindo-o a movimentar-se e dando sincronia aos fenômenos vivenciados, sendo essa capacidade de entrar em sincronia com esses sons que proporcionam o contorno corporal, que falta nesses indivíduos, aprimorando a capacidade motora dos mesmos, reajustando essa desorganização. Reforçando essa afirmativa, os resultados de Sousa *et al.* (2019) alegam que o ritmo é um aspecto musical fundamental para a possibilidade de trocas intersubjetivas nas crianças. Dessa forma, Vorcaro (2001) ressalta que mesmo que o indivíduo autista não entenda o sentido, ele tem a capacidade de experimentar o prazer do ritmo e compartilhá-lo com o outro.

Santos (2015) afirma que ao explorar os instrumentos musicais, as crianças autistas podem entrar em contato com diversos tipos de instrumentos e diante disso conseguiram

explorá-los de diversas formas. Souza *et al.* (2017) apresentam resultados positivos na interação de um dos participantes do ateliê com a interventora, ao se aproximar do tambor que ela estava tocando, e após alguns movimentos estereotipados, entrar em sintonia com o ritmo que ela estava tocando, estabelecendo uma interação momentânea. Esse interesse reforça as afirmações de Martins (2012) ao avaliar o uso de instrumentos musicais como predispostos a desenvolver a aprendizagem de habilidades (musicais ou não) que possibilitam o desenvolvimento da linguagem de todas as crianças, inclusive das que possuem o Transtorno do Espectro Autista. A afirmação também é validada por Lima (2012), ao constatar que uma das crianças com a qual havia uma dificuldade de estabelecer uma conexão, respondia à convocação pela música instrumental, que fixava pela musicalidade, muitas vezes fazendo com que ela procurasse o contato (inclusive físico) com o outro.

Nos achados de Sampaio, Loureiro e Gomes (2015) o processo clínico musicoterapêutico mostra-se favorável à motivação, habilidades de comunicação e de interação social possibilitando ao autista sustentar e desenvolver a atenção [...] assim como podem favorecer uma compreensão diferenciada de habilidades e limitações destas pessoas e indicar formas de apoio importantes para aprendizagem e tratamento. Os autores concluem também que “a partir do momento em que o paciente e o musicoterapeuta iniciam um processo de comunicação musical, ou seja, um processo de coordenações consensuais de ações musicais, não somente a relação entre eles se desenvolve, como também as próprias habilidades musicais e não-musicais do paciente”. Reforçando novamente a afirmação de Benenzon (1976), que relaciona a utilização da música à abertura de canais de comunicação que se estendem para fins também não-terapêuticos.

#### 4.2 O USO DA MUSICOTERAPIA COMO RECURSO PARA A PSICOTERAPIA

A partir da revisão proposta, nas experiências com Musicoterapia e sobretudo nos estudos de observação do ateliê musical de Souza *et al.* 2017, Lima (2012) e Sousa *et al.* (2019), várias dificuldades de vinculação dos musicoterapeutas e psicólogos/estagiários com as crianças com TEA foram minimizadas a partir do uso da música, e da vinculação a partir da música. Este fato cria abertura para o uso da música como recurso para outras intervenções, e em especial, nos processos psicológicos que compõe a *Tríade de Wing*. Sendo estes os principais achados que nos permitem discutir a Musicoterapia como uma possibilidade de intervenção alternativa dentro das práticas psicoterapêuticas, destacando possibilidades de

intervenção com a Musicoterapia desde a vinculação entre psicólogo e paciente, até o desenvolvimento das áreas comprometidas.

Conforme apontado por Sousa *et al.* (2019) observa-se que existe uma sensibilidade musical preservada neste público e em virtude disso, considera-se efetivo o uso da música como estratégia terapêutica viável no tratamento, reafirmando Gattino (2011 apud SAMPAIO; LOUREIRO; GOMES, 2015) ao considerar que a sensibilidade em relação às músicas e sons presentes neste transtorno acaba por se tornar um aspecto positivo e incentivador à essas pessoas, que por sua vez, em grande maioria, reagem muito bem ao tratamento. Entretanto, assim como afirma Santos (2015) o grau de severidade nas áreas de comunicação e interação costumam influenciar na reação ao estímulo sonoro ou musical, afetando a sua relação com a música.

Os estudos de Lima (2012) e Oliveira *et al.* (2021) reforçam as possibilidades de uso da Musicoterapia, para vinculação com as pessoas com TEA, ao pontuar que em suas análises identificou que as crianças observadas apresentavam um notável interesse às características musicais, melódicas e rítmicas, tornando a música uma oportunidade única para o estabelecimento de uma conexão com essas pessoas.

Os dados apresentados apontam a utilização da Musicoterapia como recurso psicoterapêutico, podendo ser eficaz uma vez que atua diretamente em aspectos psicológicos, abarcando os processos mais básicos do ser humano como sensação, percepção, atenção, atenção compartilhada e orientação, até os mais complexos como pensamento, linguagem, sentimentos e cognição. Dessa forma, a união da música na prática psicoterapêutica, estimula canais de comunicação, que vão além da expressão verbal, principalmente em um público com o desenvolvimento linguístico tão comprometido, estimulando a conexão, interação e aproximação com o outro. A Musicoterapia também pode ser um recurso importante na medida que atua reduzindo os efeitos dos sintomas de psicopatologias e auxilia as pessoas com TEA a lidarem melhor com a existência do transtorno. Portanto, pode-se perceber a possibilidade de desenvolvimento de novas habilidades a partir da utilização dos preceitos da Musicoterapia aliada à intervenção psicológica.

Oliveira *et al.* (2021) confirma essa discussão ao afirmar que a musicoterapia parece ser um possível e ascendente forma terapêutica no tratamento do TEA, auxiliando nas terapias que podem contribuir na promoção de saúde desse público, como por exemplo, a psicoterapia, uma vez que apresenta possibilidades para esta finalidade, sobretudo pela metodologia proposta no ateliê de musicoterapia.

As atividades desenvolvidas no ateliê musical apresentam uma metodologia organizada com objetivos definidos e ações tecnicamente orientadas para tais objetivos, configurando-se como um recurso que pode ser aliado ao olhar psicoterapêutico e somar-se tanto às práticas profissionais individuais como em intervenções psicológicas grupais, no intuito de promover melhorias nas áreas comprometidas. As oficinas realizadas por uma equipe multidisciplinar, composta também por psicólogos, eram propostas dentro de uma metodologia de Musicoterapia que descaracterizaram a prática como um recurso aleatório que utiliza a música como um efeito alegórico, mas sim como um recurso que exige uma capacitação específica para utilizar os elementos musicais para finalidades terapêuticas, contribuindo nas intervenções psicológicas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música é uma expressão artística que ultrapassa as barreiras do comunicável, e todos os elementos contidos nela, têm a capacidade de emergir os mais diversos sentimentos no ser humano, em decorrência da sua vivência social e cultural. Com isso, há algum tempo ela vem sendo utilizada em contextos terapêuticos, e nesta pesquisa destacou-se a Musicoterapia, no que se refere ao tratamento do Transtorno do Espectro Autista e sua utilização como recurso para a Psicoterapia.

Em decorrência dos resultados obtidos através da análise dos artigos, foi possível identificar que os mesmos classificam a Musicoterapia como uma importante ferramenta no auxílio do desenvolvimento das habilidades naturalmente afetadas dos indivíduos do Transtorno do Espectro Autista, principalmente no que diz respeito à tríade de habilidades comprometidas proposta por *Wing*, contribuindo na ampliação da comunicação verbal e não verbal, permitindo ao autista utilizar o canto e os instrumentos musicais como forma de interação, estimulando a autoexpressão e o rompimento da barreira com o outro. Neste sentido, a musicoterapia mostrou-se fundamental no estabelecimento de vínculo com as pessoas que possuem autismo, sendo ela capaz de abrir canais de comunicação e de interação por meio do seu caráter lúdico, mostrando-se necessária e fundamental no tratamento de pessoas com TEA.

Deste modo, possibilitou-se discutir sobre a sua utilização também no meio psicoterapêutico, no qual o profissional psicólogo, ao se formar também como musicoterapeuta tem a capacidade e a possibilidade de proporcionar ao indivíduo com TEA um terreno seguro, confortável e estimulador por meio da música, sons, batidas, instrumentos e vozes que se mostrem significativas para o desenvolvimento do tratamento. Com isso, a pessoa se sente mais

segura para explorar e mostrar suas habilidades, estando mais predisposto a aceitar o restante do tratamento com mais facilidade.

Como limitação deste estudo pode-se caracterizar a escassez de pesquisas, mesmo que em um longo período de tempo. As pesquisas mais relevantes para o desenvolvimento deste trabalho foram realizadas a partir de 2012 e ao selecionar o corpus do trabalho, foi possível compreender que se repetiam nas bases de dados selecionadas, limitando desta forma também, a utilização de diferentes bases de dados, minimizando o volume de trabalhos obtidos.

A partir deste levantamento, sugere-se a realização de estudos complementares, com pesquisas mais robustas em diferentes bases de dados e estudos experimentais e de eficácia com grupos-controle. O estudo também remete à necessidade de uma ferramenta de avaliação padronizada para observar a evolução das pessoas com esse diagnóstico, a fim de validar com mais segurança a efetividade da utilização da musicoterapia e os resultados positivos que a prática pode trazer para pessoas com TEA, em diferentes contextos.

Em contrapartida, as ações realizadas nos ateliês musicais, como exemplo, podem contribuir significativamente nos estudos sobre intervenções aplicadas com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, sobretudo às intervenções psicológicas, que visam desenvolver nas pessoas com TEA as habilidades sociais, comportamentais e de comunicação. As práticas musicoterapêuticas, apontam diversos benefícios relacionados à Tríade de Wing, e quando aliadas às intervenções psicológicas se mostram um recurso fundamental para favorecer o desenvolvimento das habilidades e a melhor adesão dessas pessoas ao tratamento, uma vez que possuem o mesmo objetivo.

Dentro dos limites deste estudo pôde ser evidenciado o valor da música e sua capacidade de ser um instrumento para o desenvolvimento de pessoas com TEA, validando seu valor terapêutico como modalidade auxiliar no tratamento, juntamente com as práticas psicológicas desenvolvidas para estimulação das habilidades comprometidas dessas pessoas, favorecendo o contato inicial, além de oferecer uma prática tangível e estruturada.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostic-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

- AMORIM, L. C. D. **Tratamento**. 2021. Disponível em <https://www.ama.org.br/site/autismo/tratamento/>. Acesso em: 15 set. 2021.
- ANJOS, A. G. *et al.* Musicoterapia como estratégia de intervenção psicológica com crianças: uma revisão da literatura. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.** v.10, n. 2, p. 228-238, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v10n2/08.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.
- ASSOCIAÇÃO DE MUSICOTERAPIA DO PARANÁ. **O que é musicoterapia?** 2021. Disponível em: <https://amtpr.com.br/musicoterapia/>. Acesso em: 19 set. 2021. Documento não paginado.
- BARRETO, S. J.; CHIARELLI, L. K. M. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. **Rev Recrearte**, n. 3, 2005. Disponível em: <https://musicaeadoracao.com.br/25473/a-importancia-da-musicalizacao-na-educacao-infantil-e-no-ensino-fundamental/>. Acesso em: 15 set. 2021.
- BENENZON, R. O. **Musicoterapia en la psicosis infantil**. Buenos Aires: Paidós, 1976.
- BERGER, D. S. **Music Therapy: Sensory Integration and the Autistic child**. London, UK: Jessica Kingsley, 2003.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ.**, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: <https://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/>
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Definição: Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança**. 2021. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>. Acesso em: 24 set. 2021.
- BRUSCIA, K. E. **Definindo musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CARVALHO, L. H. Z. S. **Caracterização e análise das habilidades sociais e problemas de comportamento de crianças com Autismo**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Estadual de São Carlos. São Carlos, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/3108/4564.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 set. 2021.
- CORSINO, P. O cotidiano na Educação Infantil. Salto para o futuro. **Boletim**, v. 13, p. 3-78, 2006. Disponível em: <http://www.escolasapereira.com.br/arquivos/175810Cotidiano.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2021.
- COSTA, J. A.; ANTUNES, A. M. **Transtorno do Espectro Autista: na prática clínica**. Belo Horizonte: Casa do Psicólogo, 2017. *E-book*. Acesso restrito via Minha Biblioteca.
- FERNANDES, P. R. S. Musicoterapia e perturbação do Espectro Autista. **JORSEN**, v. 16, n. 1, p. 725-730, 2016. Disponível em: <https://nasenjournalsonline.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12209>. Acesso em: 12 set. 2021.
- FIGUEIREDO, F. G. **Musicoterapia improvisacional aplicada à comunicação pré-verbal de crianças com transtornos do espectro autista: ensaio controlado e randomizado**. 2014.

Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em:  
<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/110239>. Acesso em: 16 set. 2021.

FLORENTINO, E. M. L. O papel dos pais no desenvolvimento de crianças no TEA. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE*, 14., 2020, São Critóvão, SE. **Anais eletrônicos** [...]. São Critóvão, SE. Disponível em:  
<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13725/7/6>. Acesso em: 10 set. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, C. G. **Estudo sobre a inserção do musicoterapeuta na equipe multiprofissional da rede estadual de apoio a inclusão de Goiás**. 2011. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em:  
[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/270/o/CAROLINA\\_GABRIEL\\_GOMES.pdf?1329327499](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/270/o/CAROLINA_GABRIEL_GOMES.pdf?1329327499). Acesso em: 10 set. 2021.

KOELSCH, S. A Neuroscientific Perspective on Music Therapy. **Ann. N. Y. Acad. Sci.**, v.1169, p. 374-384, 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19673812/>. Acesso em: 16 set. 2021.

LIMA, T. M. T. **Música e invocação: uma oficina terapêutica com crianças com transtornos de desenvolvimento**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em:  
[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19092012-123935/publico/lima\\_me.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19092012-123935/publico/lima_me.pdf). Acesso em: 24 set. 2021

LUCERO, A.; VIVÉS, J. M.; ROSI, F. S. A função constitutiva da voz e o poder da música no tratamento do autismo. **Psicol. Estud.** n. 26, p. 1-14, 2021. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/pe/a/hXssDnNZhkGFG7qnFwvP4hK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2021.

MARFINATI, A. C.; ABRÃO, J. L. F. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. **Estilos Clin.** v.19, n. 2, p. 244-262, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v19n2/a02v19n2.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

MARTINS, C. P. **Face a face com o Autismo: será a Inclusão um mito ou uma realidade?**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2012. Disponível em:  
<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2562/1/ClaudiaMartins.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOLNAR-SZAKACS, I.; HEATON, P. Music: a unique window into the world of autism. **Ann. N. Y. Acad. Sci.**, n. 1252, p. 318-324, 2012. Disponível em:  
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22524374/>. Acesso em: 19 set. 2021.

OLIVEIRA, E. N. **Entrando no ritmo: a música na relação entre a criança “autista” e a fala do outro**. 2013. Mestrado (Dissertação em Psicologia) – Universidade Federal de

Pernambuco, Recife: 2013. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10195/1/Disserta%20a7%20a3o%20Elaine%20Nunes%20Biblioteca%20Central.pdf>. Acesso em: 30 set. 2021.

OLIVEIRA, F. V. *et al.* Contribuição da musicoterapia no transtorno do espectro autista:

revisão integrativa da literatura. *J. Nurs. Health.*, v. 11, n. 1, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/17779/12881>. Acesso em: 30 set. 2021.

[principal/old/revista\\_odontologia/pdf/setembro\\_dezembro\\_2006/metodologia\\_pesquisa\\_bibliografica.pdf](#). Acesso em: 21 set. 2021.

SAMPAIO, R. T.; LOUREIRO, C. M. V.; GOMES, C. M. A. A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. *Per. Musi.* Belo Horizonte, n. 32, 2015, p.137-170. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pm/a/zhKMfm3Q5VJ5dGfQYtD9gBC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2021.

SAMPAIO, R. T.; LOUREIRO, C. M. V.; GOMES, C. M. A. A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. *Per. Musi.* Belo Horizonte, n. 32, 2015, p.137-170, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pm/a/zhKMfm3Q5VJ5dGfQYtD9gBC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2021.

SANTOS, C. E. C. Desenvolvimento de habilidades musicais em crianças autistas: um projeto de extensão, pesquisa e ensino. *Nupeart*, v. 14, p. 74-90, 2015. Disponível em:

<http://www.seer.unirio.br/simpom/article/view/5636>. Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA JÚNIOR, J. D. **A utilização da música com objetivos terapêuticos**: interfaces com a bioética. 2008. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008. Disponível em: [https://musicaeinclusao.files.wordpress.com/2013/06/a\\_musica\\_com\\_objetivos\\_terapeuticos.pdf](https://musicaeinclusao.files.wordpress.com/2013/06/a_musica_com_objetivos_terapeuticos.pdf). Acesso em: 19 set. 2021.

SIMPSON, K.; KEEN, D. Music Interventions For Children With Autim: narrative review of the literature. *J. Austim. Dev. Disord.* v. 41, n. 11, p. 1507-1514. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21203898/>. Acesso em: 18 set. 2021.

SOUSA, K. R. P. *et al.* “Acordar” para o simbólico: uma investigação psicanalítica sobre os efeitos de um ateliê musical para crianças com Transtornos Globais Do Desenvolvimento (TGD). *Ágora*, v. 22, n. 1, p. 31-40, 1019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/agora/a/xXZFJpdQDRSS4gZP9JmZPSh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2019.

SOUZA, M. B. *et al.* Da vibração ao encontro com o outro: psicanálise, música e autismo. *Estilos Clin.* v. 22, n. 2, p. 299-318, 2017. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v22n2/a06v22n2.pdf>. Acesso em: 30 set. 2021.

TEIXEIRA, G. **Manual do Autismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.

TEIXEIRA, G.; PASCOLLI, D. **Transtorno do Espectro Autista**: caminhos e conceitos. São Paulo: Do autor, 2019.

TOMAINO, C. M. **Musicoterapia neurológica**: evocando as vozes do silêncio. São Leopoldo: Faculdades EST, 2014.

VORCARO, A. Incidência da matriz simbolizante no organismo: o advento da fala. **Letras de Hoje**, v. 36, n. 3, p. 273-281, 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14576/9737>. Acesso em: 16 set. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.